

BULLYING EM DEBATE NA ESCOLA ATRAVÉS DO CINEMA

Telma Rocha¹

Resumo

O *bullying* é um problema que vem sendo detectado em muitas escolas, sejam públicas ou privadas; Ainda assim, escola e família, desconhecem suas características, ou as graves consequências dos atos cruéis e intimidadores. No dia 06 de novembro de 2015, a presidenta Dilma Rouseff sancionou a lei 13.185, e instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) em todo o território nacional, que fundamenta e orienta ações de combate ao bullying no âmbito dos sistemas de ensino. Entre elas, integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo; implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação. Nesse sentido, o artigo pretende discutir o bullying, seu conceito, características, e a possibilidade de integrar o tema no currículo por meio do cinema, da produção de vídeo na escola. Trata-se de uma oportunidade de ampliar repertórios e os espaços de convivência entre discentes, docentes e toda comunidade através de Cineclubes (espaços de produção, exibição e discussão) criados na escola, com agenda de sessões no calendário e/ou planejamento, de modo que os professores colaborem com títulos, dicas, e, possam utilizar a linguagem cinematográfica em suas atividades.

Palavras-Chave: violência; bullying; tecnologias; cinema; educação.

BULLYING IN SCHOOL DEBATE THROUGH CINEMA

Abstract

Bullying is a problem that has been detected in schools, whether public or private; Nevertheless, the school and the family, from their characteristics, or as serious result from the cruel and intimidating acts. On November 6, 2015, president Dilma Rouseff signed into law 13.185, and instituted the Program to Combat Bullying throughout the national scope, bases and directs actions to combat bullying within the educational systems. Among them, integrating the mass media with schools and society as a way to identify and raise awareness of the problem and how to prevent and combat it; Implement and disseminate education, awareness and information campaigns. In this sense, the use of

¹ Licenciatura em Pedagogia - UFBA (2002), Mestrado em Educação - UFBA (2005), Doutorado em Educação (2010) - UFBA. Professora de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8389-4542>

bullying, its concept, its characteristics, and the possibility of integrating into the non-curriculum theme for cinema, the production of video in school. It is an opportunity to expand repertoires and spaces of coexistence between students, teachers and the whole community through Cineclubes (production, exhibition and discussion) created at school, with schedule of sessions in the calendar and/or planning, so that teachers collaborate with titles, tips and can use cinematic language in their activities.

Keywords: violence; bullying; technologies; movie theater; education.

BULLYING EN EL DEBATE EN LA ESCUELA A TRAVÉS DEL CINE

Resumen

El bullying es un problema que viene siendo detectado en escuelas, siendo públicas o privadas; Sin embargo, la escuela y la familia, a partir de sus características, o como graves resultan de los actos crueles e intimidantes. El 6 de noviembre de 2015, presidenta Dilma Rouseff creó la Ley 13.185, e instituyeron el Programa de Combatir a la Intimidación Sistemática (Bullying) en todo el ámbito nacional, fundamenta y orienta acciones combate al bullying en el ámbito de los sistemas de enseñanza. Entre ellas, integrar los medios de comunicación masiva con las escuelas y la sociedad, como una forma de identificar y concientizar el problema y forma de prevenir y combatir; Implementar y diseminar campañas de educación, concientización e información. En este sentido, el uso del bullying, de su concepto, de las características, y la posibilidad de integrarse en el tema no-currículo para el cine, la producción de vídeo en la escuela. Se trata de una oportunidad de ampliar repertorios y espacios de convivencia entre alumnos, docentes y de toda la comunidad a través de Cineclubes (recursos de producción, visualización y discusión) creados en la escuela, con agenda de fechas y / o planificación, de modo que los profesores colaboren con títulos, consejos, y, pueden utilizar el lenguaje cinematográfico en sus actividades.

Palabras clave: violencia; acoso moral; tecnologías; cine; educación.

Introdução

A discussão sobre a violência nas escolas adquiriu grande importância nas últimas duas décadas, passando a mobilizar diversos setores da sociedade. As fontes teóricas sobre o tema são muito variadas, da mesma forma que, o que se caracteriza como violência escolar, implica inúmeras variantes, como: o tipo estabelecimento escolar, sua localização, a posição de quem fala, se é professor, diretor, pais, alunos, a condição econômica e social, do acesso à cultura e da construção da diversidade de valores individuais e coletivos de cada um desses atores e grupos.

A produção cinematográfica no mundo, nas últimas duas décadas, tem nos apresentado séries e filmes que abordam a violência nas escolas, o bullying e o cyberbullying. Basta assistir: *Visitor Q* (Japão/2001), *Tiros em columbine* (EUA/2002), *Elefante* (EUA/2003), *Escola da Violência* (Coréia do Sul/2006), *É só uma Questão de Tempo* (Austrália/2006), *Klass* (Estônia/2007), *A onda* (Alemanha/2008), *Meu Nome é Taylor, Drillbit Taylor* (EUA/2008), *Entre os Muros da Escola* (França/2009), *Bullying: provocações Sem Limites* (Espanha/2009), *Meu inimigo* (Dinamarca/2010), *Preciosa* (2010/EUA), *Depois de Lúcia* (México/2013), *Amizade desfeita* (2014/EUA), *A girl like her* (EUA/2015), *Cicatrizes* (Brasil/2016), *Ferrugem* (Brasil/2018), *Yonlu* (Brasil/2018), *Bullies* (Brasil/2018), *Audrie & Daisy* (2016 /EUA), a série *13 Reasons Why* (EUA/2017). Embora nem todas produções sejam baseadas em fatos reais, eles demonstram que o problema da violência nas escolas é comum ao conjunto das sociedades. Algumas dessas produções estão disponíveis no NETFLIX e/ou YouTube.

No Brasil, como em outros países, professoras/es convivem com cenas reais de brigas entre alunos que envolvem agressões físicas com socos, chutes, ou agressões psicológicas, por meio de ofensas, difamações (inclusive dirigidas aos próprios docentes); ou ainda, grupos de alunos ou de ex-alunos depredando o patrimônio, ou mesmo promovendo ataques com armas de fogo, como o ocorrido na escola de Suzano, em São Paulo, comprometendo a integridade de discentes e docentes no cotidiano escolar.

As formas de violência no ambiente escolar são variadas e envolvem uma multiplicidade de atos. O mesmo ocorre com os fatores determinantes para sua ocorrência, pois abarcam desde questões psicológicas, familiares, socioeconômicos, ou ainda, circunstanciais, como o uso de drogas lícitas ou ilícitas.

De acordo com Debarbieux (1996), o estudo sobre a violência no ambiente escolar vem apresentando mudanças relevantes, tanto no que é considerado como violência, como no olhar com que o tema é abordado. Exemplo disso são os termos usados para indicar violência, que variam de acordo com os atos e as situações dos grupos em determinados países. Nos Estados Unidos da América (EUA), o termo delinquência juvenil é utilizado em diversas pesquisas; na Inglaterra esse enfoque é pouco usado; para autores ingleses, o termo violência só deveria ser usado no caso de conflito entre estudantes e professores. (CURCIO; FIRSTE, 1993)

Apesar dos termos variarem de acordo com os atos em diferentes países, uma importante contribuição na conceitualização de violência escolar foi apresentada por Charlot (2002), pesquisador francês, que classifica o conceito em três níveis: a) violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos; b) incivildades: humilhações, palavras grosseiras, faltas de respeito; c) violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos.

Partindo dessa classificação, Charlot (2002) ainda acha necessário distinguir os tipos de violência encontrados na escola. Existe a violência *na* escola, que ocorre no ambiente escolar, mas não está ligada à natureza das atividades em ambiente escolar. A violência *à* escola, direcionada à instituição ou aos professores e funcionários, é um ataque à escola. E a violência *da* escola, violência simbólica, institucional que se dá no tratamento dos alunos e professores e suas relações sociais.

Assim como Charlot (2002), Rocha (2012, p. 29) afirma:

[...] a escola deixou de ser um espaço protegido e tornou-se um local que é atingido pela violência externa, reproduz violências que acontecem em nossa sociedade e, ao mesmo tempo, devido a suas especificidades como instituição, fomenta e constrói múltiplos e variados tipos de violências.

Charlot (2002) ainda indica as distinções que vêm sendo adotadas entre violência, transgressão e incivilidade. O uso do termo violência é defendido quando as ocorrências atacam diretamente a lei; a transgressão nos casos em que as regras próprias da instituição escolar são desrespeitadas; e a incivilidade para as ocorrências que não se inserem nas anteriores, mas que contradizem as regras de boa convivência e respeito mútuo (pequenos atos que se tornam frequentes).

No contexto das diferentes formas de manifestações da violência na escola temos ainda o *bullying*, termo de origem inglesa, derivado do adjetivo *bully*, que significa valentão, tirano; um tipo de violência entre os alunos, caracterizada pela ocorrência de agressões de ordem física e/ou psicológica, geralmente por um longo período e de forma repetitiva, na qual se evidencia um desequilíbrio de poder entre agressor e vítima.

O *bullying* é uma questão que vem sendo detectado como problema em muitas escolas, sejam públicas ou privadas; Ainda assim, muitos profissionais da educação desconhecem suas características, ou as graves consequências dos atos cruéis e intimidadores. Por conta desse desconhecimento, ele é confundido com a indisciplina ou brincadeiras entre alunos ou grupos de alunos, por vezes, de caráter físico, que envolvem contato pessoal, discussões ou brigas corriqueiras, ocasionais, em pares de igual força e poder.

Bullying e suas características

Na literatura internacional, o termo *bullying* já foi identificado de diferentes maneiras. No Brasil, o termo mais utilizado foi intimidação. Em Portugal foram utilizadas as expressões agressão no contexto escolar, coação,

provocação, e até implicância com as pessoas são consideradas como sinônimo de *bullying*. (SEIXAS, 2005) Na Noruega e Dinamarca, assim como na Suécia e Finlândia, o *bullying* ou *bully/victim* era usado inicialmente como *mobbling*. (OLWEUS, 1993) Na França, *harcèlementquotidien*, na Itália foi utilizado o termo prepotência, e na Espanha, *intimidación*, maltrato e violência. (ORTEGA, 1994)

Como se pode notar, as palavras geravam diferentes significados depois da tradução, o que criava muitas confusões a respeito do termo, por isso autores acabaram por sugerir que a grande maioria dos pesquisadores, em todo mundo, empregasse o termo em inglês como universal para evitar problemas em sua definição.

Foi Olweus (1993), pesquisador da universidade de Bergen, na Noruega, quem desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica permitindo diferenciá-lo, inclusive de outras possíveis situações próprias da idade, como as brincadeiras e gozações. Em 1983, o pesquisador foi contratado pelo Ministério da Noruega para aplicar uma pesquisa nacional e criar a partir dela um programa *antibullying*. Os resultados evidenciaram que um em cada sete estudantes estava envolvido em caso de *bullying*. Olweus publicou o livro *Bullying ato school* onde apresentou ediscutiuproblema, projetos de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas.

Peter K. Smith (2002) pesquisador da University of London, define *bullying* como um subconjunto de comportamentos agressivos de natureza repetitiva, que se baseia numa relação de poder. Segundo o autor, sua natureza repetitiva se dá pelo fato de que uma mesma pessoa é alvo da agressão várias vezes, pelos mais diferentes motivos, e não pode se defender eficazmente das agressões.

Assim, os agressores se valem dessa incapacidade para infligir dano, seja porque alcançaram algum tipo de gratificação emocional com tal postura, seja porque pretendem obter alguma vantagem específica, como se apossar de dinheiro ou de objetos da vítima, ou ainda solidificar posições na

hierarquia do grupo onde estão inseridos, ou aumentar sua popularidade entre os demais colegas.

É consenso na literatura autores concordarem que o *bullying* se manifesta através de comportamentos agressivos, baseadas numa relação de poder. Costantini (2004, p. 69) afirma:

[...] o *bullying* não são brigas normais que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças que sistematicamente, com violência, física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que leva a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização.

O autor em sua definição ainda aponta que o *bullying*, sendo uma prática de comportamento ligada à agressividade física e psicológica, pode ser confundido com comportamentos casuais. Desse modo, ele diferencia os comportamentos normais, como agressões esporádicas entre estudantes, das práticas de *bullying*, que são intencionais e repetitivas contra a mesma vítima.

A esse respeito, Farrington (1993, p. 3) também afirma que o *bullying* é uma opressão repetida, de natureza física ou psíquica, de uma pessoa com menos poder por outra com mais poder. O autor ainda define seis elementos centrais na prática do *bullying*.

- Práticas de agressão física, verbal ou psicológica (intimidação).
- O agressor é mais poderoso ou pelo menos, assim é visto pela vítima.
- Há a intenção de causar medo e/ou dor à vítima.
- A agressão não é provocada pela vítima.
- As agressões são repetidas.
- Os agressores alcançam o resultado desejado.

Do mesmo modo, Rolim (2008, p. 18) define que

[...] as práticas de *bullying* constituem forma particular de manifestação da violência, marcada pela intencionalidade do autor em produzir o sofrimento, pela repetição das agressões

(sejam elas físicas, verbais ou de conduta excludente) e, em regra, pelo desequilíbrio de poder entre agressor e vítima.

Para Fante (2005), o *bullying* é por definição um desejo inconsciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sob tensão. Por isso, o indivíduo que comete esse ato promove um conjunto de comportamentos agressivos e cruéis, onde os indivíduos mais fortes se divertem às custas de indivíduos mais fracos.

O *bullying* pode se manifestar de maneira variada, através de violência física e agressões, linguagem vulgar, apelidos, humilhações, ameaças, intimidações, extorsão, furtos e roubos, ou ainda exclusão de um determinado grupo.

Martins (2005) classifica o *bullying* da seguinte forma: **diretos e físicos**, que incluem agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis, ou a ameaça desses itens; **diretos e verbais**, que incluem insultar, apelidar, "tirar sarro", fazer comentários racistas ou que digam respeito a qualquer diferença no outro; e **indiretos** que incluem a exclusão sistemática de uma pessoa, realização de fofocas e boatos, ameaçar de exclusão do grupo com o objetivo de obter algum favorecimento, ou, de forma geral, manipular a vida social do colega.

Assim, o *bullying* é um conceito bem definido, peculiar, com características próprias, muitas vezes antecede e indica as prováveis manifestações mais amplas de violência, que podem não ser percebidas. Exemplo disso é a violência nas escolas, nos EUA, que se transformou em uma preocupação nacional desde a tragédia de Columbine, em 1999, na qual dois estudantes, vítimas de *bullying*, mataram 13 pessoas em uma escola.

Estudos sobre características mais frequentes entre autores e vítimas de *bullying* indicam existir traços distintivos entre esses dois grupos, quando comparados ao conjunto de demais estudantes não envolvidos em situações de *bullying*.

Os autores de *bullying*, também chamados de agressores, podem ser de ambos os sexos e geralmente são aqueles que vitimizam os mais fracos; é comum ainda possuir uma imagem negativa da escola como um todo.

Não existe consenso na literatura a respeito das características de personalidade dos autores de *bullying*. Para Lopes Neto (2005, p. S167), os agressores são tipicamente populares, tendem a se envolver em uma variedade de comportamentos antissociais e são impulsivos. Eles geralmente

[...] veem sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar; controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Além disso, pode existir um comportamento benefício em sua conduta, como ganhos sociais e materiais. São menos satisfeitos com a escola e a família, mais propensos ao absenteísmo e à evasão escolar e têm uma tendência maior para apresentarem comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, brigar, etc). (LOPES NETO, 2005, p. S167)

Almeida (1995) concorda com essa característica, porque acredita que os autores de *bullying* dificilmente são isolados socialmente, pois sentem que sua conduta é justa. Suas investigações revelaram que esses traços são valorizados em seu convívio, principalmente porque já vivenciam constantes situações de violência; são oriundos de famílias desajustadas, ligadas à criminalidade.

Junger (1990) também atribui as tendências agressivas a influências familiares, pois os pais desses agressores parecem fomentar mais hostilidade do que afeto para com seus filhos; existe ainda um padrão familiar de permissividade. Em particular, os meninos muito agressivos têm mães frequentemente hostis e sem controle sobre os filhos.

É forte a correlação entre autores de *bullying* e tipo de educação negligente. Estudos têm encontrado nas famílias dos autores comportamentos tais como, distância emocional entre os parentes, deficiência afetiva e disciplina inconsistente na relação com as crianças. Para DeHaan (1997), as crianças que experimentam relações familiares marcadas pela frieza e com

escasso monitoramento tendem a ser mais agressivas. Carvalhosa e outros autores (2002) apontam correlações entre autores de *bullying* e convívio com pais pouco afetivos e incapazes de elogiar seus filhos. Blaya e Hayden (2002) agregam ainda fatores econômico-sociais às famílias de crianças agressoras. Para a autora, quando esses pais vivem sob forte tensão, possuem grande incidência de desemprego, trabalho inseguro e de baixa remuneração, são fatores que geram predisposição à agressão.

É importante não negar a influência dos fatores familiares sobre o comportamento de crianças e adolescentes agressivos. No entanto, devemos salientar que as explicações não devem ser absolutas na justificativa dessas ocorrências. Essas análises não devem ser deterministas, devem estar aliadas a outros fatores para que se reconheçam as variáveis estruturais e contextuais desse fenômeno.

Sendo assim, o enfoque dado para tratar das influências dos agressores deve também ser explicado a partir dos fatores internos ligados à organização escolar, os conflitos gerados pelos adultos nesses ambientes, e questões da personalidade dos autores. Características da escola, suas normas e disciplinas, a forma como os professores lidam com os conflitos, acabam por não contribuir com a minimização do problema. As escolas, muitas vezes, para combater o *bullying* criticam e controlam de maneira punitiva seus autores, o que gera mais violência e revolta. Os educadores precisam entender que as influências de comportamentos agressivos são múltiplas e complexas.

Bullying através do cinema na escola

Ao longo da história da humanidade o ser humano transita culturalmente mediado pelas tecnologias, cada momento desta história representa uma chamada “era tecnológica”. Desde a idade da pedra até os dias atuais experimentamos conviver com o movimento das técnicas e conseqüentemente das tecnologias oportunizadas para manutenção da sobrevivência em cada sociedade.

Na era digital a linguagem ganha novas interações proporcionadas pelo movimento das tecnologias digitais. Novas formas de conhecer são estruturadas, o ordenamento linear dos textos escritos vai convivendo com os hipertextos, a interconexão. O que percebemos é uma potencialização das diferentes técnicas que se multiplicam, mixando-se os elementos do digital e possibilitando novas formas de expressões, novas formas de interações. O que não significa dizer que uma cultura anterior desapareça em função de uma nova técnica. A oralidade ganha novos significados e uma força muito grande na sociedade digital, os sons, sobretudo do cinema, das músicas, dos jingles memorizados formam nossos discursos e estruturam nossa cultura. Indivíduos reelaboraram constantemente suas formas de se relacionar com o tempo e o espaço, criando novas maneiras de socialização em rede. A interação permitida pelo uso de dispositivos e as potencialidades das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) tem contribuído para repensar as dinâmicas sociais, de modo que, “[...] pensar a tecnologia, nesta era do pós-digital, significa implicá-la nas táticas e estratégias do poder.” (SANTAELLA, 2016, p.11)

Hoje, o próprio professor percebe como as tecnologias estão alterando o “modo pedagógico” com que escola vinha operando. O acesso de alunos às informações, a internet, os jogos eletrônicos, as redes sociais, a interatividade, têm mudado significativamente o comportamento dos discentes.

Temos constantemente convivido com o novo, o inusitado, o inesperado trazido pela chamada geração digital para o ambiente escolar. Uma geração que tem dialogado com diferentes espaços de aprendizagem, enquanto a escola continua centrada numa dinâmica verticalizada, onde o paradigma de transmissão do professor continua pautando as práticas educativas.

Para atender aos desafios das tecnologias na educação novas práticas precisam estar incluídas no âmbito da instituição de ensino para que o discente possa, ao final dos seus estudos, ter domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna e conhecimento

das formas contemporâneas de linguagem. Por isso, em 2014, sancionada a Lei nº13.006, incluindo o cinema nacional como componente curricular integrado a proposta da escola:

§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais. (BRASIL, 2014, p.1)

Projetos podem ser desenvolvidos para formar discentes e comunidade no que tange ao cinema na escola, e o *bullying* pode entrar no debate. Hoje dispomos de um bom acervo de produções cinematográficas, conforme indicação neste artigo.

Em novembro de 2015 a presidenta Dilma, instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) em todo o território nacional, através de lei n. 13.185. A legislação fundamenta e orienta ações de combate ao bullying no âmbito dos sistemas de ensino. Entre elas, integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo; implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação. Conforme afirma artigo:

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (bullying). (BRASIL, 2015, p.2)

Nessa perspectiva, o uso do celular para produzir pequenos curtas, protagonizados pelos estudantes, é um excelente caminho para que a escola também produza audiovisual, dando significado as aprendizagens. O tema do *bullying* pode virar roteiros construídos por toda comunidade escolar.

Destaca-se, a importância dessas atividades ao colocar as áreas de conhecimento como basilares no processo da formação de jovens críticos e criativos, sempre privilegiadas na história da instituição. É nesta perspectiva

de um mundo em permanente transformação que as informações e os conhecimentos próprios ao fazer educacional ganham neste caso um teor atualizado, de fácil identificação e compreensão.

Trata-se de uma oportunidade de ampliar repertório e os espaços de convivência entre discentes, docentes e família. Cineclubes (espaços de produção, exibição e discussão) podem ser criados nas escolas disponibilizado uma agenda de sessões no calendário e/ou planejamento, de modo que os professores colaborem com títulos, dicas, e, possam antecipar seu planejamento para utilizar a linguagem cinematográfica em suas atividades de sala de aula. Nessa relação cinema-educação, texto e contextos se entrecruzam e o texto fílmico será um “dispositivo que opera a partir de uma rede de saberes sociais” (EUGENI, 1999, p. 7). A partir do olhar e do pensar, promovem uma educação que reflita coletivamente sobre dimensões múltiplas do humano e dos contextos socioculturais atuais, na intenção de não apenas mostrar, mas também estimular ações.

Como afirma, Edmea Santos, na sua publicação *Pesquisa Formação na Cibercultura*, publicada em 2014 pela WhiteBooks, “as narrativas cinematográficas articulam saberes fundamentais nas ciências, nos saberes cotidianos, na filosofia e nas artes de uma forma geral” (p.149).

O papel da gestão escolar na execução de projetos com audiovisual na escola é fundamental e deve conjuntamente com docentes garantir:

- Realização de levantamento das demandas da comunidade, a partir de contatos prévios e horizontalizados.
- Reconhecimento das unidades educativas cujas demandas e interesses se adequem à proposta inicial de um projeto construído coletivamente.
- Instrumentalização das unidades educativas sobre a importância dos recursos do cinema e vídeo no espaço escolar;
- Possibilidade de oficinas de cinema, produção de vídeos, o trabalho do documentarista e direção de arte;
- Possibilitar a construção de vídeos sobre a realidade local;
- Produzir e divulgar vídeos construídos pelos alunos;

Considerações finais

Diante da exposição cotidiana de muitas crianças e adolescentes neste novo contexto comunicativo, é oportuno a escola desenvolver ações em torno da discussão sobre a produção de violência, do *bullying*. A utilização massiva das tecnologias digitais, por esses grupos, é uma realidade atual e crescente; assim, parece legítimo destacar a importância e a necessidade de apropriação desse assunto pelos educadores, em especial, nos projetos curriculares que envolvam o audiovisual, como já vem sendo feito em várias escolas.

Sabemos que propiciar a linguagem cinematográfica como atividade lúdica e pedagógica na escola não é uma tarefa fácil, envolve a construção de uma cultura audiovisual nas instituições que não se realiza rapidamente. Diante desse contexto, o professor também precisa se apropriar das discussões que permeia o cenário contemporâneo de nossa sociedade para que possam refletir, agir e transformar suas práticas pedagógicas. Conhecer os elementos da nova cultura digital, que estão imersos no modo de vida como a *interatividade*, *hipertextualidade*, que tem gerado novas formas de se relacionar com o conhecimento, novas racionalidades, novos modos de pensar e agir são tarefas imprescindíveis ao educador, para que ele possa pensar a escola numa outra lógica, que não seja apenas a das velhas práticas de silenciamento, de omissão das questões que perpassam a sociedade atual.

Referências

ALMEIDA, A. Aspectos psicológicos da vitimação na escola: contributos para a identificação do problema. In: ALMEIDA, L.S.; RIBEIRO, I. S. (Org.). *Avaliação psicológica: formas e contextos*. Braga, Portugal: APPORT, 1995. v. 3, p. 525-540.

BLAYA, C; HAYDEN, C.I. (Org.). *Comportamentos violentos e agressivos nas escolas inglesas*. Brasília, DF: Unesco, 2002. p. 131-152.

BRASIL. Lei nº 13.006. *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para Obrigar a Exibição de Filmes de Produção Nacional nas Escolas de Educação Básica*. Brasília, DF, 2014.

BRASIL. Lei nº 13.185. *Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)*. Brasília, DF, 2015.

CARVALHOSA, S. F. de; LIMA, L.; MATOS, M. G. de. Bullying: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, v. 20, n. 4, p. 571-585, nov. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312002000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 2 nov. 2007

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*. Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 432-443, jul./dez. 2002.

CONSTANTINI, A. *Bullying: como combatê-lo? : prevenir e enfrentar a violência entre jovens*. São Paulo: Itália Nova, 2004.

CURCIO, J. L.; FIRST, P. F. *Violence in the schools: how to proactively prevent and defuse it*. Newbury Park, Califórnia: Corwin Press, 1993.

DEBARBIEUX E. *La violence en milieu scolaire : état des lieux*. Paris: ESF, 1996.

DEHAAN, L. *Bullies*. 1997. Disponível em: <<http://www.ndsuext.nodak.edu>>. Acesso em: 23 ago. 2009.

EUGENI, R. *Film, sapere, società: per un'analisi sociosemiotica del testo cinematografico*. Vita e Pensiero, Milano, 1999.

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. Campinas, SP: Versus, 2005.

FARRINGTON, D. P. The family backgrounds of aggressive youths. In: HERSOW, L.; BERGER, M.; SCHAFFER, D. (Org.). *Agression and antisocial behaviour in childhood and adolescence*. Oxford: Pergamon, 1993.

JUNGER, M. Some explanations of crime among four ethnic groups in the Netherlands. Trabalho apresentado no 42nd *Annual Meeting of the American Society of Criminology in Baltimore, MD*, 1990.

LOPES NETO, A.A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 81, n. 5, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah>>. Acesso em: 10 maio 2009

MARTINS, M. J. D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 18, n. 1, p. 93-105, 2005.

OLWEUS, D. *Bullying at school: what we know and we can do*. Oxford: Blackwell, Publishing, 1993.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). *Saúde mundial*. Genebra, 1993.

ORTEGA, R. Violencia interpersonal em los centros educativos de enseñanza secundaria. Um estudo sobre el maltrato y la intimidación entre compañeros. *Revista Educación*, n. 304, p. 55-67, 1994.

ROCHA, T. B. *Cyberbullying: ódio, violência virtual e profissão docente*. Brasília: Liber Livro, 2012.

ROLIM, M. F. *Bullying: o pesadelo da escola: um estudo de caso e notas sobre o que fazer*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

SANTAELLA, L. *Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2016. v. 1.

SANTOS, E. *Pesquisa - Formação na Cibercultura*. 1. ed. Santo Tirso, Portugal: WhiteBooks, 2014.

SEIXAS, S. R. Violência escolar: metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, v, 2, n. 23, p. 97-110, 2005

SMITH, P. K. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília, DF: Unesco, 2002. p. 187-205.